Saliência estrutural, distribucional e sociocognitiva

Structural, distributional and sociocognitive salience

Resumo: Para identificar a que significados sociais uma variante está associada, na Sociolinguística, fenômenos de variação e mudança costumam ser estudados do ponto de vista da produção e do ponto de vista da percepção. Um artifício conceitual utilizado para articular as duas perspectivas de abordagem é a saliência. São apresentadas três possibilidades de abordagem do constructo da saliência na sociolinguística (estrutural, distribucional e cognitiva), a partir das quais são tecidas considerações sobre o efeito deste constructo nos processos de variação e mudança linguística.

Palavras-chave: Saliência, Percepção, Variação linguística

Abstract: In order to identify what social meanings certain linguistic variant is associated with, in Sociolinguistic, variation and change processes are usually analyzed from production approach or perception approach. Salience is a conceptual artifact that can be used to articulate the two perspectives of approach. Three possibilities for approaching the salience in sociolinguistics are presented - structural, distributional and cognitive, from which considerations about the effect of the salience on the processes of linguistic variation and change are presented.

Keywords: Salience, Perception, Linguistic Variation

Introdução

Para identificar a que significados sociais uma variante está associada, na Sociolinguística, fenômenos de variação e mudança costumam ser estudados do ponto de vista da produção (quem usa? em que contextos?) e do ponto de vista da percepção (como os falantes julgam as variantes? a quem eles as associam?).[[1]](#footnote-1)

Os estudos de produção sociolinguística têm por objetivo responder por que e como formas linguísticas e significados sociais se vinculam. Já os estudos de percepção sociolinguística tentam verificar como isso afeta a percepção do falante e o processamento linguístico. Enquanto os estudos de produção têm natureza observacional, os estudos de percepção são predominantemente experimentais: a confluência de abordagens, por meio da observação dos efeitos de saliência, pode contribuir para uma compreensão mais ampla do processo de variação em mudança. E, enquanto os estudos de produção sociolinguística têm descrito os padrões de recorrência de uma variante em uma dada comunidade, os estudos de percepção têm desvelado os julgamentos dos falantes; em ambos os casos, fatores sociodemográficos e pragmáticos são considerados para o delineamento da consciência social em relação ao fenômeno em uma dada comunidade.

Um artifício conceitual utilizado para articular as duas perspectivas de abordagem é a saliência. Neste texto, são retomadas as abordagens de saliência na perspectiva da Sociolinguística, a fim de contribuir para construção de um panorama sobre o modo de captar o nível de consciência social de fenômenos linguísticos em processo de variação e mudança.

1. Saliência

Desde o surgimento da Linguística enquanto ciência, o conceito de saliência está presente nas explicações sobre a dinâmica da língua, como na oposição entre marcado e não marcado, do Estruturalismo da Escola de Praga; nos modelos funcionalistas, a noção de saliência advém da Gestalt, com a oposição figura e fundo. Em termos gerais, uma estrutura é mais saliente do que outra quanto ao dispêndio de esforço de processamento – mais material a ser processado, como nas construções ativas vs. passivas – ou por distribuição e frequências – maior a frequência, menor a saliência (Chafe 1974, Givón 1985, Kecskes 2011, *interalia*).

No campo da Sociolinguística, a aplicação do conceito de saliência começa a se tornar mais complexa, na medida que formas marcadas do ponto de vista cognitivo e de frequência não são necessariamente marcadas do ponto de vista social (e vice-versa). Ao tratar de saliência como um fator explanatório na Sociolinguística, Kerswill & Williams (2002:105) apontam três direções de abordagem:

 (1) Fenômeno linguístico cuja explicação decorra da saliência de traço(s);

 (2) Explanação interna à língua (contexto fonológico, sintático, etc.); e

 (3) Fatores extralinguísticos cognitivos, pragmáticos, psicológicos, sociodemográficos.

Os autores argumentam que (1) e (2) estão inter-relacionados, às vezes de uma maneira natural, às vezes de uma maneira idiossincrática. No entanto, (3) é central para motivar o comportamento do falante em certa direção, e, por isso, central para a definição de saliência, pois, na abordagem sociolinguística, a saliência está relacionada aos gradientes de consciência social da variação e mudança, nos termos da proposta de Labov (1972).

A investigação dos efeitos da saliência tem seguido diferentes abordagens na Sociolinguística: nos estudos de produção, a saliência estrutural (Naro 1981); e, nos estudos de percepção, a saliência distribucional, como saliência quantitativa vs. saliência qualitativa e o monitor sociolinguístico (Flament 1994, Labov et alii 2011, Ráckz 2013), abordagem na qual a saliência pode ser resultado da distribuição da variável; e a saliência sociocognitiva.

1. Saliência estrutural

A pesquisa sociolinguística brasileira é reconhecida por ter contribuído ao modelo teórico com o princípio da saliência e seus efeitos na concordância (Tagliamonte 2015:170), a partir do estudo pioneiro de Lemle & Naro (1977) com os dados do Mobral (Naro 1981). Labov (1994:56) assim enuncia o princípio da saliência: “quanto mais proeminente a marca de flexão, mais substância fonética associada a ela, maior a tendência de retê-la”. O efeito da saliência fônica é evidenciado como fator explanatório em diversos estudos sociolinguísticos do português brasileiro, especialmente no que se refere à concordância (Scherre & Tarallo 1989, Scherre & Naro 1991, 1998, 2006, Brandão & Vieira 2012, *interalia*).

O princípio do paralelismo formal, “marcas levam a marcas, zeros levam a zeros” (Scherre & Naro, 1991), é um desdobramento do princípio da saliência fônica, e evidencia que, ao contrário do que poderia ser esperado em termos cognitivos (de que a escolha de uma variante em detrimento de outra seria condicionada pela necessidade de preservação informacional), a escolha de variantes é resultado de um efeito mecânico da repetição e do condicionamento fonético (Labov 1994).

O princípio da saliência no fenômeno da concordância mostra-se atuante em outros níveis para além do fônico, como o sintático (saliência posicional – posição do sujeito) e o semântico (saliência semântica – tipo semântico-cognitivo do verbo e a animacidade do sujeito), como evidenciam Scherre, Naro & Cardoso (2007) e Brandão & Vieira (2012).

A aferição do princípio da saliência no nível da estrutura linguística em contraste com o controle de traços sociodemográficos, como escolarização e faixa etária, tem apontado para direcionais da dinâmica da variação e mudança. Fenômenos de concordância no português brasileiro, por exemplo, são sensíveis à escolarização dos informantes: a diferença entre a realização de marcas explícitas de concordância verbal em contextos +/- salientes é maior entre falantes menos escolarizados do que entre falantes mais escolarizados; na concordância nominal, este efeito é menos evidente, mas, ainda assim, há efeitos de escolarização (Scherre & Naro 1998)

No cenário sociolinguístico brasileiro, a saliência fônica é o fator explanatório mais explorado nos estudos de produção, embora haja evidências de que a saliência semântica quanto ao tipo de verbo também tenha efeito em fenômenos de variação e mudança, especialmente nos níveis pragmático discursivo (Tavares & Freitag 2010). Chaves (2014) realiza uma revisão dos estudos de produção que controlaram a saliência fônica em fenômenos variáveis de concordância de número no português, evidenciado o caráter estrutural do condicionante – direção de abordagem (1) na proposta de Kerswill & Williams (2002), mas levantando a discussão sobre a direção (3), a questão da avaliação, ainda pouco explorada. Para esta mesma direção aponta o trabalho de Gomes (2017), que relaciona a saliência fônica na desnasalização em posição final de sílaba (viagem ~ viage) à exclusão social, pelo controle da distribuição de frequências em uma amostra linguística constituída a partir do constructo de comunidade de práticas.

1. Saliência distribucional

Do ponto de vista da produção, indicadores, marcadores e estereótipos costumam ser inferidos pela distribuição de frequências em função das variáveis sociodemográficas controladas em estudos observacionais. Por exemplo, se dada variante é mais usada por homens, jovens e menos escolarizados, é possível inferir que seja um estereótipo, uma forma socialmente marcada, no nível da consciência social coletiva de uma comunidade, sobre a qual as pessoas falam sobre, rotulam quem as usa, ou seja, “é uma forma que é sujeita à discussão pública”. (Labov 2001:272).

A identificação de estereótipos depende da saliência social da forma, a capacidade de uma variável linguística evocar significado social, na estruturação da percepção dos ouvintes de distribuições sociolinguísticas quantitativas. É a partir desta perspectiva que Labov et alii (2011) postulam o “monitor sociolinguístico” (*sociolinguistic monitor*). O princípio subjacente ao “monitor sociolinguístico”, constructo para aferir aspectos perceptuais da variação linguística quantitativa, é aferido por abordagens experimentais, como os estudos de percepção sociolinguística que avaliam o impacto de uma ou mais variantes de uma mesma variável. A proposta do “monitor sociolinguístico” é, então, mensurar o quão sensíveis os falantes juízes são às diferenças de frequência de uso de uma mesma variante. No estudo de Labov et alii (2011), a variável escolhida foi a realização de -*ing* (/in/ ou /i/), em uma série de experimentos cujo desenho previa a exposição dos ouvintes juízes a sequências de manchetes jornalísticas com diferentes gradações das variantes de -*ing* (100% /in/, 70% de /in/ e 30% de /i/, 50% /in/ e 50% de /i/, 30% de /in/ e 70% de /i/ e 100% de /i/). Os juízes deveriam ouvir cada sequência de manchetes e avaliar o grau de profissionalismo do falante dos estímulos (Labov et alii 2011:238), em um instrumento como a figura 1.

Figura 1: Instrumento de coleta de para o monitor sociolinguístico (Labov et alii 2011:328)



Os resultados dos experimentos, nas diferentes comunidades de fala analisadas, sugerem que há uma direção dos efeitos do monitor sociolinguístico quanto ao escopo temporal (correlação com a latência da resposta), sensibilidade (consistência dos ouvintes juízes em suas respostas), atenuação (efeito da frequência da variável nas respostas dos ouvintes juízes), assimetria (sensibilidade dos ouvintes juízes é afetada quando uma variante marcada ocorre em um contexto não esperado), gênero (mulheres tendem a convergir negativamente a desvios a uma norma explícita) e a idade de aquisição (a sensibilidade se desenvolve na adolescência).

Replicações do estudo do “monitor sociolinguístico” (Levon & Fox 2014, Levon & Buchstaller 2015) têm como objetivo examinar se o julgamento avaliativo dos ouvintes muda em função do tipo de variável linguística apresentada no teste. O estudo de Levon e Buchstaller (2015) amplia a noção de monitor, testando se duas variáveis que estão em diferentes níveis da estrutura linguística (uma fonética e outra morfossintática) são julgadas diferentemente por falantes-juízes; seus resultados sugerem que os significados sociais da variação fonética podem ser mais facilmente avaliados pelos ouvintes (mais socialmente salientes) do que as variáveis do nível gramatical. Podesva (2011) expande os estudos do nível segmental para a observação do significado social da variação no nível suprassegmental (entonacional), explorando a possibilidade de uso dos significados entoacionais como recursos simbólicos para a construção de uma persona gay.

A abordagem do “monitor sociolinguístico”, especialmente com os estudos de Levon & Fox (2014) e Levon & Buchstaller (2015) apontam que a saliência social de uma variável determina se e como ela será perceptualmente avaliada, o que é crucial para a compreensão de como a informação sociolinguística é processada cognitivamente em termos de consciência social.

1. Saliência sociocognitiva

Existem diferentes maneiras de conceber saliência sociocognitiva. Schmid & Günther (2016) propõem um tratamento unificado para abordá-la, considerando o ponto de vista do falante, a motivação da saliência, o mecanismo e o contexto de ativação. As possibilidades de uma palavra ser saliente são resumidas no quadro 1.

Quadro 1: Saliência sociocognitiva. Schmid & Günther (2016:1). Adaptado.

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| Perspectiva do falante | Motivação  | Mecanismo | Contexto  |
| 1. A palavra parece saliente porque é a primeira palavra que me veio à mente
 | Altamente familiar e fortemente difundida | Saliência por difusão independente do contexto: confirmação de expectativas baseada no conhecimento armazenado em memória de longo prazo | Ativação pelo contexto cognitivo geral |
| 1. A palavra parece saliente porque é a primeira palavra que me veio à mente neste contexto
 | Altamente esperada em um dado contexto | Saliência dependente do contexto: confirmação de expectativas derivada da probabilidade de ocorrência em um dado contexto | Ativação pelo contexto linguístico, situacional ou social |
| 1. A palavra parece saliente porque eu não esperava ouvi-la neste contexto
 | Altamente não esperada em um dado contexto | Saliência por surpresa: violação de expectativas derivada da probabilidade de ocorrência em um dado contexto  | Ativação pelo contexto linguístico, situacional ou social |
| 1. A palavra parece saliente porque eu nunca a tinha ouvido antes
 | Totalmente desconhecida | Saliência por novidade: violação de expectativas baseada na ausência de conhecimento armazenado na memória | Falha na ativação pelo contexto cognitivo geral |

A proposta de Schmid & Günther (2016) é baseada em conhecimento lexical (palavras) e em contexto. Os autores reconhecem a polissemia de “contexto”, que pode ser entendido como contexto linguístico (aquilo que já foi dito antes), contexto situacional (participantes, tempo, lugar, configuração), contexto social (tipo de evento social, papéis sociais e relações entre os participantes) e contexto cognitivo geral (conhecimento geral e conhecimento linguístico armazenado na memória de longo prazo). Para os estudos de percepção sociolinguística, e expandindo o nível de análise do lexical para o gramatical, interessam as definições 2 e 3 de saliência, por envolverem a confirmação e a violação de expectativas relacionadas ao contexto linguístico, situacional e social. Do ponto de vista cognitivo, os efeitos de superfície que são atribuídos à saliência são decorrentes da interação entre frequência, convencionalidade e familiaridade – o mais crucial, segundo Giora (2003) –, que levariam à prototipia e estereotipia, pontos aderentes ao que vem sendo desenvolvido na Sociolinguística, em termos de avaliação social das formas: indicadores, marcadores e estereótipos (Labov 1972).

No entanto, apenas a identificação da avaliação social das variáveis e variantes não é suficiente; é preciso adentrar no domínio da percepção e das atitudes. Advinda da Psicologia Social, atitude é um construto mental, psicológico, difícil de definir e de mensurar (Giles 1970). Em alguma medida, as atitudes podem predizer o comportamento, e o comportamento pode afetar as atitudes. Na Sociolinguística, abordagens para mensurar atitudes podem envolver o tratamento societal, de caráter etnográfico, colhendo dados a partir de várias fontes de domínio público, como documentos oficiais, propagandas, televisão e, também, redes sociais (Garret 2010). Outra abordagem é a direta: perguntar às pessoas o que elas pensam sobre determinado fato da língua. Este tipo de abordagem, presente nos questionários de atitudes linguísticas ao final das entrevistas sociolinguísticas e nos testes de reação subjetiva, por exemplo, apresenta riscos, com respostas de aquiescência (pessoas podem dar a resposta que elas sentem que o pesquisador quer) ou respostas socialmente desejáveis (pessoas verbalizam as atitudes que elas pensam que deveriam ter, ainda que sejam de fato barradas). A abordagem indireta segue a técnica de *matched guise*, proposta por Lambert et alii (1960). Ao submeter o falante-juiz à apreciação de estímulos de fala com determinadas características linguísticas e pedir que sejam associadas a psicossociais atribuídos aos seus falantes, e, por tabela, à variante em questão, é possível desvelar as atitudes e reações. A abordagem conhecida por dialetologia perceptual (Preston 1999) alia a pesquisa atitudinal de tradição sociolinguística à percepção dialetal geograficamente situada da dialetologia. Para a mensuração de atitudes linguísticas, a abordagem combinada permite obter resultados mais abrangentes (Garrett, Coupland & Williams 2003).

Para evidenciar a importância de métodos combinados para o tratamento de atitudes, tome-se o estudo de Kuiper (2005), que objetiva aferir a percepção de variedades regionais e a sua relação com segurança linguística e prescrição: falantes-juízes de duas regiões da França (arredores de Paris e Provence) julgaram variedades linguísticas regionais da França quanto à correção, agradabilidade e diferença quanto à sua própria fala. A diversidade de métodos (entrevistas, reações subjetivas e tarefas de mapa perceptual) apontou para o fato de que os falantes de ambas as regiões têm visões muito próximas quanto à correção (Paris) e de agradabilidade (Provence). Os dados qualitativos extraídos das entrevistas e os mapas dialetais mostram que a percepção dos juízes sobre a prescrição linguística é pequena na realidade empírica (na sua performance linguística, por exemplo) e tem um forte efeito sobre a sua autoimagem de falante.

Preston (2010) propõe o conceito de “language regard”, um rótulo mais amplo do que atitudes linguísticas, embasado no fato de que crenças sobre a língua não necessariamente são avaliações, e na psicologia social atitudes costumam ser um subconjunto avaliativo de crenças. É preciso destacar que a Psicologia Social, em seus estudos sobre atitudes linguísticas, não está interessada em reações subjetivas a atributos da fala em particular. Por outro lado, a Sociolinguística, interessada nestes atributos particulares, ainda tem dado pouca atenção aos julgamentos sociais. A aproximação das áreas pode contribuir para evidenciar que dadas características da fala podem, de fato, ser relacionadas a diferenciais de avaliação social, ou consciência social (Edwards 1999).

A consciência social é frequentemente evocada como uma característica da comunidade de fala, importante para a difusão de uma mudança linguística (Labov 1990, Guy 1990, Kristiansen 2010, Rácz 2013). Labov (1990) distingue mudanças no nível da consciência social (*from above*) das mudanças abaixo da consciência social (*from below*). O nível de consciência também presente na escala de avaliação das variantes (indicadores, marcadores e estereótipos). A premissa dos efeitos da consciência social é de que não é necessário ter consciência dos eventos para percebê-los, o que revela a existência de uma cognição implícita (Underwood & Bright 1996). Uma variante cognitivamente saliente, ainda que no nível inconsciente, pode vir a carregar indexação social, ou seja, tornar-se um marcador ou um estereótipo. No entanto, por não estar no nível da consciência social, o falante não é capaz de relacionar o juízo de valor ao traço linguístico em si, sendo necessário, para desvelar os seus efeitos, valer-se de técnicas indiretas.

Por isso, mensurar os efeitos da saliência sociocognitiva é um parâmetro crucial para estabelecer o escopo e as limitações das habilidades do falante para mudar a sua própria fala. Falantes-juízes fazem diferentes avaliações conscientes e inconscientes sobre diferentes variedades linguísticas, tanto variedades dialetais quanto variedades com interferência de outra língua e tais diferenças são dirigidas por conta da variação fonética socialmente marcada (Campbell-Kibler 2012, 2013, Schleef 2013). O nível de consciência atua também nos processos de acomodação linguística (Yaeger-Dror 1993): a acomodação consciente ocorre com traços cognitivos mais salientes e a acomodação inconsciente ocorre com traços cognitivos menos salientes.

O nível de consciência social desempenha um importante papel ao determinar quais variantes fonéticas são sujeitas à correção: por exemplo, falantes que se encontram em busca de acesso às universidades de prestígio nacional [nos Estados Unidos] modulam seu comportamento linguístico em direção a mudanças sonoras que estão acima do nível de consciência social, e por isso, passíveis de moderação; já mudanças sonoras abaixo do nível de consciência social acompanham o nível educacional dos falantes (Prichard & Tamminga 2012).

Estudos de sociofonética têm evidenciado correlações regulares entre o nível de consciência do significado social de mudanças fonológicas e a modulação do falante durante seu ciclo de vida. Ainda há poucas evidências do impacto da saliência sociocognitiva em mudanças em outros níveis linguísticos além do fonológico. Buchstaller (2016) reporta resultados de três fenômenos de mudança em progresso com diferentes níveis de percepção social e indexicalidade:

 (1) ultrassaliente e socialmente estigmatizado (quotativo *be like*)

 (2) altamente saliente, mas barrado por orientações prescritivas (possessivo estativo *got*)

 (3) moderadamente saliente e não indexado socialmente (*have got*, *going to*)

Embora Eckert & Labov (2017) destaquem que variáveis fonológicas são mais facilmente adaptáveis para veicular significados sociais por conta de sua frequência e por estarem desvinculadas de funções referenciais, os resultados do estudo de Buchtstaller (2016) apontam que somente as variantes que estão plenamente encaixadas nas estruturas cognitivas-avaliativas dos ouvintes mostram maleabilidade no ciclo de vida de um falante individual, sugerindo, por sua vez, que há consciência da indexação social de recursos linguísticos, mesmo nos níveis gramaticais mais altos.

Em suma, falantes não só são sensíveis à diferença na distribuição de frequências, como no caso do “monitor sociolinguístico”, mas essa sensibilidade é maior ou menor em diferentes fases da vida do falante, como efeito de fatores sociais e culturais aos quais está exposto (escolarização, mercado de trabalho, redes de relacionamento, entre outros). O nível de consciência social de uma forma também é suscetível à circunscrição geográfica, assumindo caráter de distinção dialetal: o que é saliente em uma variedade pode não ser em outra, como mostram os estudos replicados de Levon e colaboradores (Levon & Fox 2014, Levon & Buchstaller 2015).

Conclusão

Os estudos sociolinguísticos do português brasileiro têm um grande legado do ponto de vista da produção, com a caracterização dos usos linguísticos quanto à estrutura, tendo como fator explanatório para o encaixamento linguístico os efeitos da saliência. Também a partir dos estudos de produção têm sido sugeridos direcionais da consciência social do fenômeno, com o cotejamento dos resultados da sua distribuição em função dos fatores sociais controlados na amostra.

O nível da consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que precisa ser determinada diretamente (Weinreich, Labov & Herzog 1968). A partir do grau de consciência, fenômenos variáveis são categorizados em estereótipos – traços linguísticos socialmente marcados de forma consciente pelos falantes, marcadores – traços linguísticos sociais e estilísticos e que permitem efeitos consistentes sobre o julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o falante; e indicadores – traços socialmente estratificados, que, no entanto, não são sujeitos à variação estilística (Labov 1972).

No entanto, o que faz com que uma variável seja sensível ou não à avaliação em uma comunidade pode ser atrelado ao seu grau de saliência, não só estrutural, mas distribucional e sociocognitiva. Apenas a identificação da avaliação social das variáveis e variantes não é suficiente; é preciso adentrar no domínio da sociolinguística da percepção (que tem como objeto o julgamento do ouvinte), que correlaciona fatores sociais a traços sociolinguísticos, a fim de contribuir para o desvelamento de um padrão de consciência social na comunidade.

Quais características sociais são atribuídas a uma dada variedade linguística? Quais as variáveis linguísticas afetam a percepção de um dado grupo social? Como a informação social afeta o modo como um dado som ou traço linguístico é percebido? Um falante tem atitudes positivas ou negativas quanto a certa variante ou certo grupo social? Estas são questões relacionadas aos estudos de percepção sociolinguística que podem se valer da saliência sociocognitiva como fator explantatório. Se, por um lado, há o reconhecimento do papel chave da saliência sociocognitiva em fenômenos de mudança linguística (Wagner & Sankoff 2011), por outro, estudos que buscam evidenciar relação entre a cognição implícita e a percepção da fala ainda são relativamente recentes (Campbell-Kibler 2012), um campo ainda a ser explorado.[[2]](#footnote-2)

Referências

Brandão, S. F., & Vieira, S. R. (2012). Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. *Alfa*, *56*(3):1035-1064.

Buchstaller, I. (2016). Investigating the effect of socio-cognitive salience and speaker-based factors in morpho-syntactic life-span change. *Journal of English Linguistics*, *44*(3):199-229.

Campbell-Kibler, K. (2012). The implicit association test and sociolinguistic meaning. *Lingua*, *122*(7):753-763.

Campbell-Kibler, K. (2013). Vignette 8a: Language attitude surveys. *Data collection in sociolinguistics: Methods and applications. New York: Routledge*, 142-146.

Chafe, W. L. (1974). Language and consciousness. *Language*, 111-133.

Chaves, R. G. (2014). Princípio de saliência fônica: isso não soa bem. *Letrônica*, *7*(2), 522-550.

Eckert, P., & Labov, W. (2017). Phonetics, phonology and social meaning. *Journal of Sociolinguistics*, *21*(4): 467-496.

Edwards, J. (1999). Refining our understanding of language attitudes. *Journal of Language and Social Psychology*, *18*(1):101-110.

Flament, C. (1994). Consensus, salience and necessity in social representations: technical note. *Papers on social representations*, *3*(2), 97-105.

Freitag, R. M. K., Severo, C. G., Rost-Snichelotto, C. A., & Tavares, M. A. (2016). Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as Letras,* *18*(2):64-84.

Garrett, P. (2010). *Attitudes to language*. Cambridge University Press.

Garrett, P., Coupland, N., & Williams, A. (Eds.). (2003). *Investigating language attitudes: Social meanings of dialect, ethnicity and performance*. University of Wales Press.

Giles, H. (1970). Evaluative reactions to accents. *Educational review*, *22*(3):211-227.

Giora, R. (2003). *On our mind: Salience, context, and figurative language*. Oxford University Press.

Givón, T. (1985). Iconicity, isomorphism and non-arbitrary coding in syntax. *Iconicity in syntax*, 187-219.

Gomes, C. A. (2017). Para além das ondas. *Diacrítica*, *31*(1):5-24.

Guy, G. R. (1990). The sociolinguistic types of language change. *Diachronica*, *7*(1):47-67.

Kecskes, I. (2011). Salience in language production. *Salience and defaults in utterance processing.* De Gruyter Mouton, Berlin/New York, 81-105.

Kerswill, P., & Williams, A. (2002). "Salience" as an explanatory factor in language change: Evidence from dialect levelling in urban England. *Contributions to the Sociology of Language*, *86*, 81-110.

Kuiper, L. (2005). Perception is reality: Parisian and Provençal perceptions of regional varieties of French. *Journal of Sociolinguistics*, *9*(1): 28-52.

Labov, W. (1972). *Sociolinguistic patterns*. University of Pennsylvania Press.

Labov, W. (1990). The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language variation and change*, *2*(2): 205-254.

Labov, W. (1994). *Principles of linguistic change*. Vol. 1: Internal factors. Blackwell

Labov, W. (2001). *Principles of linguistic change*. Volume 2: Social factors. Blackwell.

Labov, W., Ash, S., Ravindranath, M., Weldon, T., Baranowski, M., & Nagy, N. (2011). Properties of the sociolinguistic monitor. *Journal of Sociolinguistics*, *15*(4):431-463.

Lambert, W. E., Hodgson, R. C., Gardner, R. C., & Fillenbaum, S. (1960). Evaluational reactions to spoken languages. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, *60*(1): 44-51.

Levon, E., & Buchstaller, I. (2015). Perception, cognition, and linguistic structure: The effect of linguistic modularity and cognitive style on sociolinguistic processing. *Language Variation and Change*, *27*(3): 319-348.

Levon, E., & Fox, S. (2014). Social salience and the sociolinguistic monitor: A case study of ing and th-fronting in Britain. *Journal of English Linguistics*, *42*(3): 185-217.

Naro, A. J. (1981). The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, 63-98.

Naro, A., & Lemle, M. (1977). Competências básicas do português. *Rio de Janeiro: Sedec/Mobral*.

Podesva, R. J. (2011). Salience and the social meaning of declarative contours: Three case studies of gay professionals. *Journal of English Linguistics*, *39*(3): 233-264.

Preston, D. R. (1999). *Handbook of perceptual dialectology* (Vol. 1). John Benjamins Publishing.

Preston, D. R. (2010). Language, people, salience, space: perceptual dialectology and language regard. *Dialectologia: revista electrònica*, (5):87-131.

Prichard, H., & Tamminga, M. (2012). The impact of higher education on Philadelphia vowels. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, *18*(2): 87-95.

Rácz, P. (2013). *Salience in sociolinguistics: A quantitative approach* (Vol. 84). Walter de Gruyter.

Scherre, M. M. P., & Naro, A. J. (1991). Marking in discourse:“Birds of a feather”. *Language Variation and Change*, *3*(1), 23-32.

Scherre, M. M. P., & Naro, A. J. (1998). Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. *Fórum linguístico*, *1*(1): 45-71.

Scherre, M. M. P., & Naro, A. J. (2006). Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *Scripta*, *9*(18), 107-129.

Scherre, M. M. P., & Tarallo, F. (1989). Sobre a saliência fônica na concordância nominal em português. *Fotografias Sociolinguísticas.* Pontes, 301-332.

Scherre, M. M. P., Naro, A. J., & Cardoso, C. R. (2007). The role of verb type in subject/verb agreement in Brazilian Portuguese. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, *23*(SPE): 283-317.

Schleef, E. (2013). Glottal replacement of/t/in two British capitals: Effects of word frequency and morphological compositionality. *Language Variation and Change*, *25*(2): 201-223.

Schmid, H. J., & Günther, F. (2016). Toward a unified socio-cognitive framework for salience in language. *Frontiers in psychology*, *7*:1110.

Tagliamonte, S. A. (2015). *Making waves: The story of variationist sociolinguistics*. John Wiley & Sons.

Tavares, M. A., & Freitag, R. M. K. (2010). Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. *Revista Linguística*, *6*(1):103-119.

Underwood, G., & Bright, J. E. (1996). Cognition with and without awareness.

Weinreich, U., Labov, W., & Herzog, M. I. (1968). *Empirical foundations for a theory of language change*. University of Texas Press.

Yaeger-Dror, M. (1993). Linguistic analysis of dialect “correction” and its interaction with cognitive salience. *Language Variation and Change*, *5*(2): 189-224.

1. Para maior detalhamento sobre as perspectivas de abordagem de produção e percepção sociolinguística, ver “Como os brasileiros acham que falam” (Freitag et alii 2016). [↑](#footnote-ref-1)
2. Este é o tema do projeto de pesquisa “Saliência, atitudes e percepção sociolinguística”. [↑](#footnote-ref-2)